



Publicada



2022

## CONSTRUÇÃO DE SER MULHER NEGRA NUM PAÍS DOMINADO PELO MACHISMO E RACISMO: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA<sup>1</sup>

BARTOLOMEU, Joyce Vasconcelos - joyvasb@gmail.com<sup>2</sup>

MAGALHÃES, Andrea Batista<sup>3</sup> - andreavidda@gmail.com

OLIVEIRA, Analucy A V de - oliveiraanalucy1@gmail.com<sup>4</sup>

### RESUMO

Essa pesquisa tem, por finalidade, revisão bibliográfica com abordagem qualitativa, objetivo exploratório e descritivo sobre a construção de ser mulher negra num país dominado pelo machismo e racismo. Neste sentido, o artigo busca compreender um fenômeno sócio histórico do comportamento da sociedade, e como ele influencia na construção da mulher negra no Brasil. O trabalho analisa uma relação de causa e efeito, onde o Estado, a cultura, a educação e a criação refletem os padrões que estão enraizados nos cernes da sociedade.

**Palavras-chave/Descritores** :Mulher. Negra. Machismo. Racismo.

<sup>1</sup> Artigo apresentado para Conclusão do Curso de Psicologia da UNIVERSO

<sup>2</sup> Graduada em Psicologia pela UNIVERSO

<sup>3</sup> Orientadora – Dr<sup>a</sup> em Psicologia da Saúde, professora UNIVERSO

<sup>4</sup> Co-orientadora - Dr<sup>a</sup> em Psicologia da Saúde, professora UNIVERSO

## 1 INTRODUÇÃO

---

No decorrer da evolução histórica tem-se observado o papel da mulher negra no meio social, em uma comunidade racista e patriarcal de valores enraizados há várias gerações. Compreendendo que tais valores são passadas de pais para filhos, criando-se uma tradição, tal estrutura permanece ao decorrer da história. Pode-se assim dizer que a construção sócio histórica é formada de valores morais e éticos, tais valores podem ser reformulados e criados de acordo com o decorrer das gerações (FERREIRA 1986).

O machismo segundo Bueno (2007) é a cultura de supremacia, onde o homem é detentor do poder dominando sobre as mulheres. De maneira a ter comportamentos de forma subjugadora, tratando a mulher como inferior. Assim fazendo com que o sexo feminino sofra sob o domínio do homem.

O racismo é um dos fundamentais males da sociedade. O racismo é uma ideologia enraizada na cultura que atribui inferioridade à determinado grupo étnico e superioridade a outro (no caso, o branco).

O racismo decorre de concepções ideológicas do que é raça. Racismo é um comportamento preconceituoso (CAMPOS, 2017).

Segundo Djamila Ribeiro (2017) o racismo é estrutural, passando de geração a geração, e a principal forma de entender e erradicar o racismo no Brasil é fazer um debate estrutural. Trazendo a perspectiva

histórica sobre a escravidão até a atualidade.

De acordo com Pêcheux e Foucault (1995), que criaram teorias sobre o discurso, o poder da fala tem a capacidade de manipular e mudar, afetando assim o indivíduo. A história da língua se manifesta no discurso, a linguística e a história tratam dessa materialidade (o discurso), pois a ideologia está no discurso.

Foucault (1970) diz que o discurso depois de tanto ser repetido, acaba virando verdade e se produzindo de forma irrefletida nos falantes, o discurso pode ou não ter sido influenciado pelo meio em que o falante está inserido. Tal mecanismo é perceptível na sociedade principalmente no meio político, em outros meios de comunicação também.

De acordo com Djamila Ribeiro (2017) de tanto ouvir falas machistas e racistas, as mesmas se reproduzem e se tornam verdade, gerando assim o machismo e o racismo sutil (irrefletido). Esse discurso muitas vezes é dito pelos próprios grupos minoritários como as mulheres e os negros, que reproduzem por vezes atitudes de cunho machista e racista.

Toda atitude é uma apresentação da relação entre o indivíduo e o ambiente em que está. Levando em consideração que o ambiente psicológico (de modo direto está atrelada com o olhar do indivíduo), a percepção que a pessoa tem

dos acontecimentos é central para a maneira como ela organiza sua experiência, e “o grupo a que pertence o indivíduo constitui a base de suas percepções, ações e sentimentos” (ALLPORT, G. W. In: LEWIN, 1948, p. 7).

Mulheres, negros, lgbtqia+, indígenas, deficientes e pessoas em situação de miséria, por fatores socioculturais e condições de desigualdade socioeconômica, religião, cor, raça, ideologias, são marginalizados e excluídos da sociedade, por isso são minorias também psicológicas, pois tem ausência de voz ativa perante a sociedade, e em sua maioria são vítimas dos grupos majoritários (LEWIN, 1948).

Truth já falava que o dilema da mulher negra é totalmente diferente da situação da mulher branca. Enquanto mulheres brancas lutavam pelo direito ao voto e ao trabalho, mulheres negras lutavam para serem consideradas pessoas. E essa diferença radical faz total diferença (RIBEIRO, 2017).

De acordo com os dados do IBGE 54% da população brasileira são negros. Dados do IPEA de 2016 mostram que mulheres brancas recebem 70% a mais

que mulheres negras. Existem cerca de 5 milhões de brasileiros, dos quais 50,79% são do sexo feminino. Deste percentual, 44% são mulheres negras e pardas. Mesmo a população de mulheres negras sendo um grande número no Brasil, não são reconhecidos ou respeitadas em seus direitos, mesmo diante de tantos anos de lutas e conquistas, ainda assim é um grupo que enfrenta preconceitos e julgamentos que são decorrentes de uma visão e concepção criada socialmente, tal visão por vezes continua presa a décadas passadas (BRASIL, 2016).

As mulheres negras são induzidas a consumir e a viver de acordo com a forma que é transmitida como ideal e desejável para elas por uma sociedade machista e racista, influenciando seu comportamento e a maneira de ser no mundo (FERREIRA 1986).

Dentro deste artigo iremos abordar estudos por meio de uma revisão bibliográfica de autores que discorrem sobre o assunto, construindo entendimento mais amplo e rico sobre o tema com o enfoque na trajetória da mulher negra na sociedade.

## 2 OBJETIVOS

---

### Objetivo geral

O objetivo geral deste trabalho tem como meta compreender como se dá a construção do machismo e racismo no Brasil e como estes comportamentos influenciam na vida da mulher negra no Brasil.

Fizemos uma revisão de literatura, visando aprofundar o conhecimento sobre o tema proposto, buscando compreender a estrutura social desde os primórdios.

### Objetivos específicos

- Mensurar como influências podem ou não mudar as ações dos indivíduos;
- Revisão bibliográfica, buscando compreender a estrutura social desde os primórdios.
- Refletir sobre os padrões que estão enraizados nos cernes de uma sociedade machista e racista.

## 3 MÉTODOS

---

### 3.1 Tipo de Pesquisa

O trabalho desenvolvido seguiu os preceitos do estudo exploratório, por meio de uma pesquisa bibliográfica, que, segundo Gil (2008, p.50), “é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído de livros e artigos científicos”.

Neste sentido, a proposta de Gil (2008) foi utilizada nas seguintes etapas:

#### 1. Etapa – Fontes:

A seguir estão descritas as fontes que forneceram as respostas adequadas à solução do problema proposto:

- a) Foi utilizado 1 livro, que abordara a temática com o nome Lugar de Fala, publicado pela Editora Jandaíra 1ª edição 2017, em idioma português.
- b) Artigos científicos sobre a temática foram acessados nas bases de dados Scielo, CAPES, Google Acadêmico, publicados nos últimos 10 anos (2011 a

2021). Foram utilizados 5 artigos nacionais, disponíveis online em texto completo. Os seguintes descritores foram aplicados: mulher; negra; machismo; racismo. Em inglês: keywords; woman; male chauvinism; black; racism.

Para a seleção das fontes, foram consideradas como critério de inclusão as bibliografias que abordassem machismo e racismo no Brasil e conseqüentemente a temática, e foram excluídas aquelas que não atenderam a temática. Contemplaram todas as faixas etárias.

#### 2. Etapa – Coleta de Dados

A coleta de dados seguiu a seguinte premissa:

- a) Leitura Exploratória de todo o material selecionado (leitura rápida que objetiva verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho);

b) Leitura Seletiva (leitura mais aprofundada das partes que realmente interessam);

c) Registro das informações extraídas das fontes em instrumento específico (autores, ano, método, resultados e conclusões).

### 3. Etapa - Análise e Interpretação dos Resultados

Nesta Etapa foi realizada uma leitura analítica com a finalidade de ordenar e

.

sumariar as informações contidas nas fontes, de forma que estas possibilitassem a obtenção de respostas ao problema da pesquisa.

4. Etapa - Discussão dos Resultados  
Categorias que emergiram da etapa anterior foram analisadas e discutidas a partir do referencial teórico relativo à temática do estudo

TABELA- Síntese descritiva dos estudos incluídos

| Título do Artigo   | Autores/ Ano/<br>Desenho do estudo/ País  | MÉTODO   |  | Resultados  | Conclusão   |
|--|---|--|--|---|---|
|  |   | Tamanho da amostra / Idade Média   | Problemática ou Diagnóstico / Tipo de intervenção  |   |   |
| Male chauvinism education and its reflection as a form of institutional violence<br><b>A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional</b> | CORTES, Janaina; SILVEIRA, Thiago; DICKEL, Flávio; NEUBAUER, Vanessa. 2018, Brasil. | Artigo trata de caso verídico de violência institucional de com as mulheres no sistema judiciário no Brasil. | O trabalho enfatiza o termo machismo, que está arraigado na cultura de praticamente todos os povos e é um dos principais elementos perpetuadores dos atos violentos. | Ao estudar o histórico de violência sofrida pela mulher percebe-se não será em curto período que será alcançada uma solução. Falar nas escolas no âmbito educacional, sobretudo na educação infantil e no ensino fundamental é de extrema importância, como também fazer palestras e oficinas para homens e mulheres. | A violência institucional que ocorre à mulher é o mais terrível que vem sendo ocultado ao decorrer dos anos pelo machismo |

|  |  |   |  |   |   |
|--|--|---|--|---|---|
| <p>Racial relations and life stories: focus on black industrial workers</p> <p><b>Relações raciais e histórias de vida: trabalhadores industriais negros em foco</b></p> | <p>SARAIVA, Luiz Alex Silva; SILVA, Matheus Arcelo Fernandes. 2020, Brasil</p> | <p>Partindo do método indutivo, a partir de uma pesquisa qualitativa baseada em histórias de vida de dois trabalhadores</p> | <p>O artigo busca compreender e analisar como se apresentam elementos relacionados às relações raciais nas histórias de vida de trabalhadores industriais negros, o que será feito pela compreensão de elementos que marcam a construção das identidades negras, em especial a partir de aspectos morais, intelectuais e estéticos, bem como pela apreensão, a partir das histórias de vida de nossos sujeitos de pesquisa, de elementos relacionados às relações raciais em suas trajetórias.</p> | <p>Esse estudo tornou possível perceber que contribuíram para o levantamento das personalidades negras de Clóvis e Leila as discussões empreendidas pelos movimentos negros, com enfoque anos 1990, que permitiram um debate mais aberto sobre a questão racial, desvelando situações muitas vezes silenciadas. Ainda que se trate de uma mobilização social coletiva, deve se ter em mente que é singular o modo como cada pessoa lida com a construção da identidade negra.</p> | <p>As principais conclusões surgiram é mesmo com os avanços institucionais proporcionados pelos movimentos negros, conscientizar-se da sua negritude é o primeiro passo para que as pessoas negras possam ocupar, efetivamente, qualquer lugar que desejem na sociedade</p> |
|--|--|---|--|---|---|

|  |  |   |   |   |  |
|--|--|---|---|---|--|
| <p>The Experience of Psychology Jews Authors Holocaust Survivors</p> <p><b>A experiência de autores judeus da psicologia sobreviventes do holocausto</b></p> | <p>COSENTINO, Milena Callegari; MASSIMI, Marina. 2012, Brasil.</p> | <p>Este trabalho é de caráter historiográfico e, portanto, alocado na área de história da psicologia.</p> | <p>O presente trabalho se trata de análise dos autores judeus contemporâneos da psicologia, os quais sofreram com o Holocausto. Assim, um enfoque sociológico atentando para a vida dos autores e também para a produção teórica dos mesmos na psicologia.</p>  | <p>O artigo aponta que as representações do trauma variam conforme o destino que a pessoa dê à experiência vivenciada, e a experiência que teve no campo de concentração derivaram a importância da busca de sentido como fator essencial para a sobrevivência e o grupo a que o indivíduo pertence constitui a base das percepções, ações e sentimentos, ou seja, é a base do grupo social que dá a configuração do indivíduo.</p> | <p>De modo geral pode-se concluir que nos relatos e obras destes autores encontram-se tematizados. Todos eles enfrentaram o seu momento histórico de forma não alienada, tiveram uma posição ativa e tentaram indicar meios para superar os desafios presentes no mundo contemporâneo.</p> |
| <p>The state racism by Michel Foucault</p> <p><b>O racismo de estado em Michel Foucault</b></p>  | <p>BARROS, João Roberto. 2018, Brasil</p>                          | <p>O artigo é uma revisão bibliográfica na obra de Michel Foucault</p>                                    | <p>O presente artigo aponta a fragmentação do corpo social estabelecendo uma oposição binária entre as raças, o exercício do poder operará sobre a vida biológica. O artigo aponta como o discurso científico foi desenvolvido em alguns casos para colaborar nessa estratégia. E como isso se dá em países em desenvolvimento,</p> | <p>O Estado capitalista atua de forma programada no modo de deixar morrer alguns grupos populacionais. A seleção desses grupos passa pela adaptabilidade ao processo produtivo característico do período industrial. Contudo, não</p>   | <p>A população, tomada como problema científico e político pode ser considerada a grande novidade nas esferas modernas do poder. Esse novo sujeito político será o fator primordial para definir estratégias e ações no modo de fortalecer o</p>   |

|   |  |   |   |   |   |
|---|--|---|---|---|---|
|   |  |   | <p>nos quais há segmentos da população que incrementam as taxas de mortalidade seguindo o planejado pelo Estado. Neles os desvalorizados e marginalizados, os perigosos do corpo social, podem ser plausivelmente considerados alvos privilegiados do racismo de Estado.</p>  | <p>somente nesse contexto, pois foi possível colher argumentos referentes ao genocídio colonizador, durante o qual o racismo esteve muito presente.</p>   | <p>poder do Estado. Cabe a este assegurar a saúde daquela, promovendo ações</p>   |
| <p>Male chauvinism: result of maladaptative schemes<br/><b>Machismo: fruto de esquemas desadaptativos</b></p> | <p>SILVA, Giovanna Carvalhaes Figueira de Oliveira; LAPOR, Tamires Jordão. 2019, Brasil.</p> | <p>Revisão bibliográfica, e os critérios de acessibilidade, disponibilidade e relação com a temática.</p> | <p>trabalho tem como proposta possíveis caminhos para redução da difusão machista na atualidade, compreendendo os diversos contextos que abrangem a ideologia machista e acabam por eternizar pensamentos, sentimentos e comportamentos embebidos de tal concepção por meio dos atravessamentos sociais, históricos, políticos e culturais.</p> | <p>esquemas e nas contribuições da terapia cognitivo-comportamental, que a origem familiar detém grande parcela de responsabilidade no desenvolvimento de esquemas, os quais influenciam o modo como interpretamos as situações, lidamos emocionalmente com elas e nos comportamos.</p> | <p>Todos os personagens sociais são responsáveis pela minimização e possível extinção do machismo, possivelmente alcançadas por meio de um trabalho coletivo.</p> |

## 4 DISCUSSÃO

---

No Brasil ainda existe uma cultura patriarcal que exalta o homem como chefe da família, o provedor e responsável pela família e o conforto da mesma, sendo um modelo de deus. Essa educação patriarcal reproduz na cultura comportamentos preconceituoso ao que se refere às mulheres (CORTES; SILVEIRA; DICKEL; NEUBAUER, 2018).

A divisão entre homens e mulheres apresenta estar ‘na ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a quase dizer inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado nas coisas [...], em todo o mundo social e, em estado incorporado nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como sistemas de esquemas de percepção, de pensamento e de ação (BOURDIEU, 2012).

Bueno, 2007 define de machismo a “atitude de quem não aceita a igualdade de direitos entre o homem e a mulher, achando que o sexo masculino é superior à mulher” (BUENO, 2007). Dessa maneira, entende-se que o machismo concepção ideológica de superioridade do homem.

A sociedade independente do gênero é educada de forma machista, assim fazendo que a sociedade em seu todo seja machista, estabelecendo um modelo por meio do qual o Estado instituições tratam as mulheres. Essas violências de gênero matem-se ao decorrer dos séculos. (CORTES; SILVEIRA; DICKEL; NEUBAUER, 2018).

A ordem social é tão arraigada na sociedade que influencia a sociedade no modo de agir. Favorecendo mais os homens do que o sexo feminino entre os mais diversos âmbitos da sociedade. As mulheres se submetem a essa estrutura imposta desde seu nascimento. Assim as mulheres são socialmente limitadas pelo que a sociedade determinou ser de propriedade masculina (SILVA; LAPORT, 2019).

O machismo pode tanto ocorrer no local particular, no âmbito cultural familiar, até no espaço público, com políticas públicas que aumentam a desigualdade e retêm os direitos das mulheres (CORTES; SILVEIRA; DICKEL; NEUBAUER, 2018).

Segundo Cortes J. et. al. (2015) no decorrer da história as mulheres têm lutado pela igualdade de gênero e pelo combate à violência, lutando por direitos iguais e criando movimentos sociais como o feminista. Contudo é evidente que ainda há discursos machistas e atitudes que inferiorizam as mulheres na sociedade.

Mulheres têm lutado contra machismo no decorrer da história, com movimentos sociais. Entre tais movimentos, um marco importante foi a revolução francesa em 1789 onde alguns autores apontam como o início do movimento feminista. Na sociedade brasileira as mulheres tem lutado bravamente por seus direitos, um dos grandes marcos das lutas das mulheres no

Brasil foi lei Maria da Penha, 2006 (SILVA; LAPOR, 2019).

Mas apesar de tantas lutas pode-se perceber que ainda há muito que mudar na sociedade, as mulheres ainda tem sido vítimas de diversas violências e preconceito de gênero. A cada dia há altos índices de morte por feminicídio no Brasil, além da violência tanto física como psicológica que sofre por parte do sexo masculino e também através do Estado (CORTES; SILVEIRA; DICKEL; NEUBAUER, 2018).

Após analisar o comportamento do Estado no caso da Maria da Penha Maia Fernandes, emblema da Lei Maria da Penha declara:

“Os magistrados de hoje são, em grande parte, oriundos daquela cultura machista que existiu no passado. A gente tem que colaborar chamando a atenção da sociedade, mostrando essas aberrações de pessoas que estão ali para proteger as mulheres e ninguém protege” (COSTA, 2010).

A violência contra a mulher é uma das formas mais nocivas uma vez que fere pontualmente o direito humano que é universal, esse tipo de violência referido na citação é chamado de violência institucional. Visto que o Estado tem sido responsável de tirar os direitos em vez de garanti-los, pois grande parte das violências que ocorrem com as mulheres se dão por omissão de instituições que deveriam tutelar os seus direitos (CORTES; SILVEIRA; DICKEL; NEUBAUER, 2018).

A criação no âmbito familiar pode acontecer por meio de comportamentos e frases que expressam pensamentos e ações de cunho machista. Colocando o sexo feminino no lugar de fraca e frágil em contrapartida colocando os homens de forma a serem vistos como fortes, de caráter e de orgulho (CORTES et.al. 2015).

A educação que é gerada pela família é passada ao decorrer da vida, passando pela escola e nos diferentes ambientes sociais. A cultura preconceituosa reforçada pelos meios de comunicação fortalecendo o mito da superioridade masculina (CANNABRAVA 2012).

Entre os diversos tipos de violência que ocorrem com a mulher, como a violência institucional, no contexto da educação familiar há também a violência naturalizada que é quando as mídias naturalizam o machismo por meio de programas, novelas e propagandas (CHAVES 2015).

Segundo Kurt Lewin (1948), a maioria psicológica é o grupo que dispõe de estruturas, de estatuto e de direito de se auto determinar no plano coletivo, o grupo é autônomo – posse de plenos direitos, a maioria psicológica tende a se tornar uma minoria privilegiada. Maiorias demográficas podem ser uma minoria psicológica na sociedade.

Embora os homens sejam a minoria demograficamente, os mesmos se configuram como maioria psicológica, de modo que, a figura masculina, tem seus direitos garantidos e sua autonomia, enquanto as mulheres não têm seus

direitos básicos legitimados, sendo assim representadas como minorias psicológicas. Percebidas como o “menores” por não possuir direitos totais ou estatuto completo que lhe permitam orientar-se ou optar por situações mais favoráveis ao seu futuro, sendo assim a maioria psicológica tem seus discursos como manobra de massa, levando até as minorias a acreditar nele (LEWIN 1948).

As minorias psicológicas podem e fazem parte do corpo social, como objeto de manobra e manutenção de sua estrutura, com o poder do discurso tem capacidade de ser manobra de massa. Pois o discurso de tanto reproduzido acaba virando verdade e manipulando o indivíduo. Por isso é primordial rever ideias e valores culturais da sociedade, visto que o indivíduo muda de acordo com a época e fatos presentes no seu contexto histórico (FOUCAULT 2010).

Para Michel Foucault (2010), um discurso de manobra de massa é o discurso racista. Segundo o mesmo, o discurso racista ainda está no cerne da sociedade favorecendo o branco, sendo o principal motivo da segregação e naturalizando o racismo. “O racismo será desenvolvido, em primeiro lugar, com a colonização, isto é, com o genocídio colonizador”.

O Brasil sofreu profundas marcas sociais na contemporaneidade em decorrência da escravidão, após quase quatro décadas de escravidão o Brasil foi o último país a abolir a escravidão em 1888 e após a abolição os negros tiveram direitos a ser livres. Contudo foram negadas

condições dignas de vida e retido alguns direitos aos mesmos (NUNES 2006).

A escravidão no Brasil fora um regime violento como em outros países. Fora uma violência constante, de várias formas e naturalizada, o que nos mostra como racismo existe no Brasil. A cidadania, após a abolição, não ocorreu, ao contrário, os negros tiveram alguns de seus direitos retidos pelo Estado. Vemos frutos deste regime até hoje na sociedade, a constante desigualdade racial e as várias tentativas de apagar a barbárie da memória do Brasil, criando o mito da democracia racial. O Estado sempre foi omissivo à situação do negro “liberto” (NUNES 2006).

“O Estado apropria-se da História, controla e manipula o entendimento do processo histórico, confunde a noção de temporalidade e impinge o esquecimento. Garante, assim, a continuidade do mesmo sistema sob nova e atual roupagem: sem escravos e, logo depois, sem rei. Para dominar, há que se tornar senhor da memória e do esquecimento. “(Costa. p. 84, 1996)

O racismo é uma construção sócio histórica, na qual o indivíduo tem a crença na existência de uma raça superior hierarquizada pela comparação de aspectos morais, intelectuais e físicos. Quando ocorre historicamente que uma raça é subjugada por outra (MUNANGA, 2000).

Para lutar contra o racismo é necessário reconhecer que ele existe. Mesmo existindo discursos que amenizam ou negam o racismo no Brasil, é fácil ver constantemente comportamentos racistas

na sociedade brasileira. O racismo com machismo é uma cultura que está impregnada na sociedade brasileira (ADORNO, 1996).

Racismo mata e adocece, o racismo estrutural faz com que os negros sejam vistos de forma inferior. O racismo se manifesta no decorrer da vida do indivíduo. O racismo mexe com os alicerces do indivíduo fazendo que o negro tenha problemas psicológicos (SARAIVA; SILVA, 2020).

Nesta perspectiva, a violência pode ocorrer nas relações sociais as mais diversas, sendo que o próprio reconhecimento das diferenças entre sujeitos e grupos, que se manifesta na construção das identidades e alteridades, pode constituir-se em fonte de tensão latente ou manifesta, ao transformar a diferença em assimetria, numa relação hierárquica de desigualdade com fins de dominação, de exploração e opressão [...] (CHAUÍ, 1984, p.51). Na nossa sociedade, a mulher negra sofre além do racismo, o machismo e tem os seus direitos limitados.

O machismo e racismo são fatores determinantes para saúde da mulher negra. As relações sociais e de gênero é uma visão necessária para o processo de saúde-doença. É necessário para condição de saúde olhar para o racismo e machismo (PRESTES; PAIVA, 2016).

Vários estudos mostram que mulheres negras no Brasil são constantemente vítimas de situações de maior vulnerabilidade ao adoecimento.

Isto ocorre porque ao decorrer dos anos houve privação de direitos (SANTOS, 2016).

Mulheres negras sofrem com o racismo e machismo pelo Estado com programas governamentais que não englobam a mesmas com cuidado, com saúde e prevenção, e com frequência o sistema é machista e pratica racismo institucional (DFID; Instituto AMMA Psique e Negritude, 2007; Lopes, 2005).

Nascer com a pele preta e/ou outros caracteres do tipo negroide e compartilhar de uma mesma história de desenraizamento, escravidão e discriminação racial, não organiza, por si só, uma identidade negra. Ser negro é, além disto, tomar consciência do processo ideológico que, através de um discurso mítico acerca de si, engendra uma estrutura de desconhecimento que o aprisiona numa imagem alienada, na qual se reconhece. Ser negro é tomar posse desta consciência e criar uma nova consciência que reassegure o respeito às diferenças e que reafirme uma dignidade alheia a qualquer nível de exploração.

Assim, ser negro não é uma condição dada, a priori. É um vir a ser. Ser negro é tornar-se negro (SOUZA, 1983, p. 77).

De acordo Souza (1983) ser uma mulher negra está ligado a configuração de extermínio do prejuízo e construção de identidade além da submissão à imposição do olhar pessoal de pessoas alheias. Ser mulher negra também é resistir através da renúncia da sua história.

## 5 CONCLUSÃO

---

Pode-se concluir que a construção de ser mulher negra no Brasil passa por uma cultura machista e racista que começa no seio familiar e no Estado machista e racista.

De acordo com o que fora explanado, pode-se perceber que é um tema amplo que precisa ser mais estudado, fazendo-se necessário mais pesquisa a respeito. Tanto o machismo como racismo são pautas que precisam ser debatidas em diversos espaços da sociedade.

Compreendendo que a construção de ser mulher negra ocorre através da cultura, que é machista e racista e que gera adoecimento psíquico à estas mulheres, uma vez que a cultura e a mídia mantêm os papéis de gênero, construídos para manutenção de um sistema machista e racista.

Entendemos que a mudança da cultura começa em casa, conseqüentemente nas escolas e, no Estado. É necessário debater

em casa sobre esse tema, nas escolas promover companhas, sendo o Estado um dos principais agentes de mudança, criando políticas públicas que possam melhorar a qualidade de vida das mulheres negras, tendo como obrigação prover garantias e direitos às mesmas.

### ABREVIATURAS:

SciELOS: científico Eletronic Library Online

CAPES: Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPEA: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

LGBTQIA+: Identidade, sexualidade, representatividade. L de lésbica; G de gay;

B de bissexual; T de transgênero, transexual, travesti e muito mais.

### Declarações

**Aprovações éticas e consentimento para participar:** Não aplicável

**Consentimento para publicação:** Não aplicável

**Disponibilidade de dados e materiais:** Os conjuntos de dados gerados e / ou analisados durante o estudo atual estão

disponíveis no autor correspondente mediante solicitação razoável.

**Interesses competitivos:** Os autores declaram que não têm interesses concorrentes.

**Financiamentos:** Esta revisão sistemática é financiada por recursos próprios dos seus revisores.

**Contribuições dos autores:** JVB, AO e ABM elaboraram a estratégia de busca. AO e ABM revisaram criticamente, forneceu

comentários sobre os rascunhos dos manuscritos e concordou com a versão final submetida; JVB revisou criticamente, forneceu comentários sobre o rascunho do manuscrito e concordou com a versão final submetida. Todos os autores leram, forneceram comentários e aprovaram o manuscrito final.

**Reconhecimentos:** Não aplicável

**Informações dos autores (opcional):** aplicável

## 6 REFERÊNCIAS

---

ADORNO, W. T. **Teoria da semicultura. Educação & Sociedade**, Campinas, ano 17, n. 56, p. 388-411, 1996.

ALLPORT, G. W. (1948). Foreword. In G. W. Lewin (Ed.), **Resolving social conflicts** (pp. i-x). New York: Harper & Row.

BARROS, João Roberto. **o racismo de estado em Michel Foucault**, Brasil, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). **Censo Demográfico 2010 - Projeções da população: Brasil e unidades da federação**.

BRASIL. **Lei 11.340/2006. Lei Maria da Penha**. 2006. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm)

BUENO, Francisco da Silveira. **Minidicionário da língua portuguesa**. 2. ed. São Paulo: FTD, 2007.

CALLEGARI Cosentino, Milena; MASSIMI, Marina **A experiência de autores judeus da psicologia sobreviventes do holocausto** *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, vol. 12, núm. 3, setembro-dezembro, 2012, pp. 1046-1062 Universidade do Estado do Rio de Janeiro Rio de Janeiro, Brasil

CAMPOS, Luiz Augusto **Racismo em três dimensões: Uma abordagem realista-crítica**. *Revista Brasileira de Ciências Sociais* [online]. 2017, v. 32, n. 95 [Acessado 4 Abril 2021], 329507. Disponível em: <<https://doi.org/10.17666/329507/2017>>.

CANNABRAVA, B. Paz na educação popular feminista. In: VIEIRA, V.; CHARF, C. (orgs.). **Mulheres e homens trabalhando pela paz e contra a violência doméstica**. São Paulo: Associação Mulheres pela Paz, 2012. p. 199-202

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. In: CHAUÍ, M.;

CARDOSO, R.; PAOLI, M. C. (Org.). **Perspectivas antropológicas da mulher: sobre mulher e violência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1984. (v. 4). p. 23-62.

CORTES, J. et al. A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional. In: **Seminário internacional de educação no Mercosul**, 14, 2015, Rio Grande do Sul. Anais... Rio Grande do Sul: UNICRUZ, 2015.

CORTES, Janaina; SILVEIRA, Thiago; DICKEL, Flávio; NEUBAUER, Vanessa. **A educação machista e seu reflexo como forma de violência institucional**, Brasil, 2018.

COSTA, A. M. (1996). **A violência como marca: a pesquisa em história**. In L. M. Schwarcz & L. V. S. Reis (Orgs.), *Negras imagens: ensaios sobre cultura e escravidão no Brasil* (pp. 81-91). São Paulo: Edusp.

COSTA, Gilberto. **Cultura machista está por trás da violência contra as mulheres, dizem especialistas**, Agência Brasil, Empresa Brasil de Comunicações, 03 Ago 2010.

DFID (Ministério do Governo Britânico para o Desenvolvimento Internacional); INSTITUTO AMMA PSIQUE E NEGRITUDE. **Identificação e abordagem do racismo institucional**. Brasília, DF: Articulação para o combate ao racismo institucional (CRI); Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2007

FERNANDES, C.A. **Análise do discurso: reflexões introdutórias**. Minas Gerais: Clara Luz, 2013.

FERREIRA, A. B. H. **Novo dicionário Aurélio**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyala 5ª ed., 1970

FOUCAULT, Michel. **Defender la sociedad**. Trad. de **Horario Pons**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010<sup>a</sup>

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002

IPEA. **Nota Técnica – Retrato das desigualdades gênero raça**. 2016.

LEWIN, K. **Problemas de dinâmica de grupo**. São Paulo: Editora Cultrix Ltda, 1948.

MAILHIOT, G.B. **Dinâmica e gênese dos grupos, Atualidade das descobertas de Kurt Lewin**. Brasília: Vozes, 2013

MUNANGA, K. (2000), **Uma Abordagem Conceitual das Noções de Raça, Racismo, Identidade e Etnia**, Cadernos PENESB, n. 5, pp. 15 – 34

NUNES, Sylvia da Silveira **Racismo no Brasil: tentativas de disfarce de uma violência explícita**. Psicologia USP [online]. 2006, v. 17, n. 1 [Acessado 11 abril 2021], pp. 89-98. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000100007>>. Epub 28 Set 2010. ISSN 1678-5177. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642006000100007>.

PECHÊUX, Michel. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni Pulcinelli Orland et al. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1995.

PRESTES, Clélia R. S. e Paiva, Vera S. F. **Abordagem psicossocial e saúde de mulheres negras: vulnerabilidades, direitos e resiliência** 1 Artigo inspirado e sustentado por pesquisa de mestrado, apoiada pela Capes, com dissertação intitulada "Feridas até o coração, erguem-se negras guerreiras. Resiliência em mulheres negras: transmissão psíquica e pertencimentos", realizada por Clélia Prestes, e na qual constam os casos aqui ilustrados. Saúde e Sociedade [online]. 2016, v. 25, n. 3 [Acessado 11 abril 2021], pp. 673-688. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-129020162901>>. ISSN 1984-0470. <https://doi.org/10.1590/S0104-129020162901>.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte, MG: Letramento. 2017.

SANTOS, Ana Paula Coelho Abreu dos; WITECK, Guilherme. **Violência doméstica e familiar contra a mulher**. 2016.

SARAIVA, Luiz Alex Silva; SILVA, Matheus Arcelo Fernandes. **Relações raciais e histórias de vida: trabalhadores industriais negros em foco**. Fundação João Pinheiro, Belo Horizonte, MG, Brasil 2020.

SILVA, D.S. Pêcheux e Foucault: **caminhos cruzados na Análise do Discurso**. São Paulo: Copyright., 2017

SILVA, GCFO; LAPOR, TJ. Machismo: **fruto de esquemas desadaptativos**. Revista Mosaico. 2019 Jan/Jun.; 10 (1): 20-28.

SILVA, Matheus Arcelo Fernandes e Saraiva, Luiz Alex Silva **Relações raciais e histórias de vida: trabalhadores industriais negros em foco**. **Organizações & Sociedade** [online]. 2020, v. 27, n. 94 [Acessado 10 abril 2021], pp. 532-555. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1984-9270947>>. Epub 10 Ago 2020. ISSN 1984-9230. <https://doi.org/10.1590/1984-9270947>.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**. Rio de Janeiro: Graal, 1983.